

Guerra Cambial e seus Impactos nos Negócios Florestais

A recente guerra cambial imposta pelas duas maiores potências mundiais, Estados Unidos e China, tem provocado efeitos danosos para todo o comércio mundial, tanto para as economias emergentes, quanto para as periféricas. Neste contexto, a conjuntura de novembro do Centro de Inteligência em Florestas foca na questão cambial e seus reflexos sobre os negócios florestais.

No Brasil, o setor exportador já sente os efeitos da política cambial. A dificuldade de manter os contratos de exportação já efetivados tem feito com que muitas empresas se vejam endividadas. A desvalorização cambial frustra as expectativas de lucros maiores através de maiores exportações, já que torna o produto nacional mais caro relativamente a outros concorrentes. Por outro lado, apesar do mercado interno estar se comportando bem, a necessidade de caixa tem levado muitas empresas a liquidar seus produtos, muitas vezes abaixo do custo real, numa tentativa de sobrevivência. Tudo isso acontece num momento em que as expectativas de maiores vendas são positivas por causa do Natal, quando sempre ocorre um maior fluxo de negócios, e também em virtude da recuperação da economia mundial.

As incertezas dos rumos que podem tomar a política cambial internacional e a do Brasil, particularmente, devem manter o mercado em sobressalto.

A expectativa com relação às ações do próximo governo de solucionar, tanto o problema do câmbio, quanto outros problemas estruturais da economia nacional tem sido enfatizada pelas lideranças de todos os segmentos florestais. Caso contrário, pode-se perder todo o investimento feito durante o último ano em modernização e aparelhamento da indústria de base florestal.

Segmento de Celulose e Papel

Em meio à guerra cambial que está acontecendo atualmente entre os diversos países do mundo, mas com os Estados Unidos e a China no centro da disputa, observou-se que no período em que a taxa de câmbio apresentou-se valorizada, ou seja, de março de 2010 a setembro de 2010, as exportações brasileiras de celulose e papel do Brasil foram maiores que no período em que a taxa de câmbio estava desvalorizada, ou seja, de outubro de 2008 a maio de 2009. Esse acontecimento atípico foi reflexo dos impactos da crise financeira mundial no segundo semestre de 2008, que desestimulou o comércio mundial. De modo

geral, observou-se crescimento das exportações deste segmento nacional nos últimos meses (Quadro 1).

Com relação ao preço da celulose e do papel, estes também foram crescentes nos últimos meses (Quadro 1). Uma parte substancial do aumento de preço em US\$ é explicada pela taxa de câmbio. Porém, em longo prazo esta correlação é menos evidente, ganhando influência de fatores estruturais como oferta, demanda e custos de produção. Assim como as exportações brasileiras de celulose e papel, os preços desses produtos foram menores no período em que o Real estava desvalorizado. Isso também foi reflexo da crise financeira mundial, pois nessa época a oferta superou a demanda acarretando decréscimo dos preços (Quadro 1).

Quadro 1 – Exportações Brasileiras de Celulose e Papel e Preço.

Período (mês)	Taxa de Câmbio (R\$/US\$)	Preço em SP (US\$/t.)			Valor das exportações (em milhões do US\$)		
		Celulose	Papel offset em bobina	Papel cut size	Celulose	Papel	Total
out/08	2,1721	829.43	1.609,38	1.689,89	357,61	165,29	522,90
nov/08	2,2655	755.42	1.593,61	1.679,03	330,97	134,1	465,07
dez/08	2,3936	687.92	1.547,11	1.471,15	237,11	134,04	371,15
jan/09	2,3066	623.25	1.605,47	1.526,64	304,16	129,76	433,92
fev/09	2,3119	579.5	1.601,79	1.523,14	247,13	112,15	359,28
mar/09	2,313	550.25	1.649,46	1.498,61	205,05	148,09	353,14
abr/09	2,2051	511.65	1.730,18	1.571,94	270,21	138,33	408,54
mai/09	2,0601	502.00	1.851,95	1.701,23	190,32	138,82	329,14
mar/10	1,7850	754.00	2.011,00	1.902,08	465,61	194,84	660,45
abr/10	1,7558	790.00	2.044,45	1.933,72	387,12	162,15	549,27
mai/10	1,8124	866.67	1.623,74	1.827,75	402,92	173,07	575,99
jun/10	1,8054	908.67	1.705,38	1.840,15	406,6	172,78	579,38
jul/10	1,7688	930.00	1.740,67	1.939,43	381,48	163,14	544,62
ago/10	1,7588	913.00	1.768,75	1.950,45	389,71	167,8	557,51
set/10	1,7179	880.00	1.810,86	1.996,89	379,44	162,7	542,14
out/10	1,6827	880.00	1.848,74	2.038,39	-	-	-

Fonte: BACEN (2010); SECEX/MDIC (2010); Cepea/Esalq/USP citado por Revista O Papel (vários números).

Contudo, o Brasil foi o único país que apresentou crescimento acelerado no segmento de celulose e papel após a crise financeira mundial de 2008 até a atualidade, mesmo com a guerra cambial que está acontecendo atualmente, que prejudica as exportações. Isso pode ser explicado pela qualidade do produto nacional reconhecida internacionalmente, pelo aumento da demanda de países consumidores do produto brasileiro e pelo crescimento desses países. Apesar dos números indicarem uma evolução constante desse segmento e muitas oportunidades, há riscos e desafios para se vencer, principalmente no mercado de

papel, pois o transporte do produto é caro, o que coloca os produtores brasileiros em desvantagem em relação aos produtores estrangeiros. Além disso, a produção de papel demanda um grau maior de serviços, assistência a clientes, marcas e canais de marketing.

Entretanto, as chances do Brasil decolar na produção e nas exportações de papel são grandes, haja vista as vantagens comparativas que o país apresenta na produção florestal e a qualidade dos produtos nacionais, conforme mencionado anteriormente.

Produtos Florestais Não madeireiros

As exportações totais do Brasil no segmento de produtos florestais não-madeireiros apresentam decréscimo nos últimos meses. No período que a taxa de câmbio estava desvalorizada (de outubro de 2008 a maio de 2009), a redução nas exportações foram menores em comparação com o período mais recente (de março a setembro de 2010). De outubro de 2008 a maio de 2009, as exportações reduziram 9% ao mês, em média, e de março a setembro de 2010, a redução foi de 139%. O que mais contribuiu para esses números foi a redução das exportações de Castanha-do-Pará, a partir de junho de 2010 (Quadro 2). Com a guerra cambial observada recentemente, a perda fica com os exportadores. Quanto menor a taxa de câmbio, mais caros ficam, em dólares, os produtos brasileiros vendidos no mercado internacional. O efeito final para os produtos brasileiros é a perda de competitividade e de mercados estrangeiros. Além disso, a indústria nacional sofre com a concorrência dos importados, que muitas vezes, têm preço mais competitivo que os produtos nacionais. Isso pode explicar a redução nas exportações nacionais de produtos florestais não madeireiros na atualidade.

Quadro 2 – Exportação brasileira de produtos florestais não-madeireiros.

Período (mês)	Exportação (US\$ FOB)						Preço		
	Castanha-do-Pará	Óleos essenciais de eucalipto	Ceras vegetais	Palmito	Tanino	Total	Borracha Natural (SP) – R\$/kg	Palmito (SP) – R\$/lata de 300 g	Palmito (ES) – R\$/kg
out/08	1.553.353	297.714	7.929.487	837.917	0	10.618.471	2,13	n,d.	0,83
nov/08	478.714	212.801	8.522.313	471.049	16.775	9.701.652	2,10	n,d.	0,82
dez/08	68.960	244.757	7.194.907	846.000	226.450	8.581.074	1,94	n,d.	0,83
jan/09	166.354	0	5.702.222	390.979	39.600	6.299.155	1,78	9,1	0,93
fev/09	238.144	53.068	3.846.523	537.253	0	4.674.988	1,28	9,08	0,78
mar/09	479.998	228.759	4.023.539	659.770	41.675	5.433.741	1,29	9,49	0,78
abr/09	868.905	373.274	3.625.924	877.286	196.939	5.942.328	1,22	9,95	0,97
mai/09	1.625.104	181.678	3.768.293	596.628	264.794	6.436.497	1,28	10,71	0,61
mar/10	859.428	46.717	9.155.401	1.030.367	34.083	11.125.996	2,56	9,27	1,28
abr/10	1.251.731	169.294	7.550.933	655.000	151.902	9.778.860	2,69	9,01	n,d.
mai/10	2.908.844	480.906	9.437.811	595.701	16.711	13.439.973	2,72	9,49	0,83
jun/10	2.908,8	480.906	9.437,8	595.701	16.711	1.105.665	2,84	9,49	0,83
jul/10	2.734,2	232.661	7.015,8	652.910	0	895.321	2,89	9,52	0,83
ago/10	1.540,9	481.699	8.421,8	434.963	135.285	1.061.910	2,90	9,94	0,83
set/10	1.087.906	329.951	7.871.315	411.603	0	9.700.775	2,90	9,77	0,83
out/10	-	-	-	-	-	-	n,d.	9,87	0,83

Fonte: SECEX/MDIC (2010); APABOR (2010); CEASA/ES (2010); IEA/SP (2010) e CEASA/PA (2010).

Com relação aos preços dos produtos florestais não-madeireiros, estes se apresentaram crescentes nos últimos meses (Quadro 2).

No caso específico da borracha natural, estudos já constataram que variações ocorridas nos preços desse insumo, em moeda brasileira, sofreram maior influência das variações do preço da borracha natural na Malásia do que das variações da taxa de câmbio, mostrando a importância dos preços da borracha natural naquele país sobre o comportamento dos preços da borracha natural no Brasil.

No entanto, variações reais no câmbio somam-se aos efeitos dos subsídios à produção de outros países que, há longa data, vêm provocando redução nos preços internacionais do produto e, conseqüentemente, nos preços nacionais, com implicações sobre a produção e as importações brasileiras. Naturalmente, a produção não depende somente dos preços, mas este é um importante componente.

De acordo com Heiko Rossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor) e analista setorial da Revista Lateks, a valorização das moedas asiáticas é a principal causa do aumento dos preços da *commodity* no mercado internacional nestes últimos meses. O principal impacto negativo da valorização cambial é a redução dos lucros no exterior, o que tem levado os exportadores a aumentar os preços em dólar para compensar a valorização da moeda.

Segmento de Madeira Processada e Móveis

A política cambial brasileira está afetando as empresas do setor de madeira e móveis. O presidente da Associação dos Moveleiros do Oeste de Santa Catarina (Amoesc) e do Sindicato das Indústrias Madeireiras e Moveleiras do Vale do Uruguai (Simovale), Osni Carlos Verona, adverte que as empresas estão se endividando para manter os contratos em dia. Com a apreciação (valorização) do real frente ao dólar e o peso do chamado "custo Brasil", as exportações tornam-se penosas. Osni lembra que há falta de mão-de-obra e as negociações salariais estão previstas para o início de 2011. Este contexto pode implicar no aumento do custo da mão-de-obra e, conseqüentemente, maior perda de competitividade do setor.

No oeste de Santa Catarina, a desvalorização do dólar já começa a afetar as exportações, reduzindo a atividade das empresas e seu quadro de funcionários. O número de empresas exportadoras da região caiu de 40 para 15 e as demissões cortaram mil dos 8 mil empregos diretos gerados pelo setor.

Se por um lado a desvalorização cambial reduz as exportações, ela pode ser benéfica para que as empresas importem componentes, máquinas e equipamentos, modernizando suas instalações e se preparando para competir no mercado. Isto já está sendo observado em alguns segmentos. Porém, a maioria das pequenas e médias empresas do segmento de madeira e móveis não conseguem se modernizar, pois estão descapitalizadas, conseguindo apenas fazer as manutenções das instalações já existentes.

Embora de efeito limitado, a decisão do governo do Estado de São Paulo de isentar o ICMS do transporte de mercadorias destinadas ao mercado externo ataca um problema fundamental, que impõe às exportações um custo não existente em outros países e, assim, retira competitividade do produto brasileiro. Em São Paulo, pelo menos R\$ 250 milhões deixarão de engordar anualmente o saldo do crédito tributário a que os exportadores têm direito. Esse é o valor estimado pelo secretário estadual da Fazenda, Mauro Ricardo Costa, do ICMS que deixará de ser cobrado do transporte de produtos exportados. São Paulo, porém, é até agora o único Estado que adotou a medida, como parte de um conjunto de iniciativas do governo paulista para desonerar também investimentos e conceder incentivos tributários para diversos setores da economia (Fonte: Centro Gestor de Inovação Moveleiro). Políticas como esta, se adotadas em outras regiões do país, poderiam amenizar os impactos desfavoráveis da atual política cambial.

Apesar do cenário desfavorável da atual política cambial, empresas têm anunciado novos investimentos, tais como a Eucatex que acaba de inaugurar uma nova fábrica de



T-HDF/MDF (Thin High Density Fiberboard/Medium Density Fiberboard), que se integra à unidade industrial que a companhia já possui em Salto, interior de São Paulo.

Na Zona da Mata Mineira, os preços do metro cúbico de madeira serrada de Angelim Margoso, Cumaru, Eucalipto e Jatobá mantiveram-se estáveis nos dois últimos meses, sendo cotados, atualmente, em R\$2250, R\$1710, R\$800, R\$2070, respectivamente. A exceção foi o metro cúbico da madeira serrada de Pinus que teve alta de 18%, sendo cotada, atualmente, a R\$520 (CI Florestas).

Segmento de Carvão Vegetal

O mercado de carvão esboça, em novembro, ligeira elevação nos preços em reação às acentuadas quedas observadas nos últimos meses. Atualmente, os preços em Belo Horizonte estão no patamar de R\$100 por mdc e, em Divinópolis, em R\$88,00 por mdc, um aumento de 8,9% e 10,6%, respectivamente - uma reação ainda insuficiente para dar sustentação à produção. O baixo preço do carvão vegetal verificado atualmente se deve em grande parte à crise estrutural instalada na indústria de produção de ferro gusa brasileira, principalmente nos dois últimos anos. A indústria nacional de ferro gusa enfrenta problemas na oferta, com custos não competitivos, devido a impostos e taxas, e na demanda, com perda de mercado para países concorrentes. Além disso, o preço do ferro gusa está em queda no mercado internacional. Corroborando para o agravamento da crise, a recente guerra cambial, com desvalorização do real, acentua ainda mais a perda de competitividade do produto nacional ao torná-lo relativamente mais caro.

A preocupação com os rumos do mercado de carvão é mais do que evidente. Em outubro foi realizado o II Fórum Nacional Sobre o Carvão Vegetal, em Minas Gerais, com objetivo de conhecer mais sobre esse importante segmento da indústria de produtos florestais e traçar novas alternativas em busca de soluções para a recuperação e sustentabilidade do setor.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte (<http://www.ciflorestas.com.br/>).